

Saudando Juarez Leitão

Teoberto Landim

Ao iniciar estas palavras de saudação, com a alma plena de emoções múltiplas, não posso deixar de lembrar a coincidência que renova minha ligação com a “pequenina e boa Nova-Russas”, coisas que só o destino explica, neste mundo onde a ciência tudo esclarece.

Coincidência ou não, tivemos, Juarez e eu, um itinerário semelhante: Crateús foi o ponto de partida. Naquele metafísico trem desembarcamos em Sobral - No seminário conhecemos anjos e demônios, mas foram Homero, Virgílio, Dante, Camões e outros os edificadores de nossa formação clássica na voz firme de Pe. Oswaldo Chaves, D. Austragésilo de Mesquita, do Mons. Gerardo Gomes, os mestres. Com certeza, naqueles corredores intermináveis, entre aquelas paredes vigorosas do velho casarão da Betânia foi nosso destino traçado; por isso dou cada vez mais importância à literatura porque ela tem sido o grande instrumento de interpretação das formas de vida humana, e portanto base da inteligibilidade da história. Na poesia, na narração, no teatro a vida fez-se transparente em si mesma. Entendemos os povos ou as épocas, na medida em que nos negaram uma ficção adequada, que os documentos não conseguem suprir.

Mas, meu caro confrade, Juarez Leitão, se tivemos um caminho similar percorrido dolentemente naquele trem metafísico, e se temos afinidades - somos professores, escritores, intelectuais, membros desta centenária Academia de Letras, uma mão, também comum, ajudou-nos no primeiro passo, primeiramente a mim, afilhado, depois a vós, o sobrinho querido, em quem acreditava ter um futuro promissor. Era o vosso tio padre essa mão, Vigário da paróquia de Nova-Russas. Homem de uma visão de mundo avançada para uma época e uma região onde o rádio era o único meio de comunicação. Pe. Leitão como era conhecido criou co-

légios, hospitais, cooperativas. Conhecia profundamente a realidade de seu povo, nos sermões dominicais, seduzia multidões, pela expressão fácil e eloqüente, relacionando sempre o contexto histórico-social ao religioso, sem atitudes piegas e muito menos radical. Pe. Leitão foi exemplo do homem e do padre de seu tempo, voltado para as coisas do espírito no verdadeiro exercício de seu apostolado e também voltado para a realidade quando cuidava do bem-estar de seu povo.

Nessas palavras que vos disse com a unção de homenagem, procurei apenas trazer-vos a lembrança deste vigário das terras de Nova-Russas, em que vossa pessoa, eminente confrade, o reverencio, na certeza de que, onde estiver o estará aplaudindo nesta noite.

Senhores eu vos falei do padre, agora vos falarei de um poeta da maior estirpe. Poucos transpõem tanta sensibilidade, tanta emoção em palavras plenas de imagens, carregadas da essência poética que só o verdadeiro poeta é capaz. Porque não basta ter idéia para criar o poema; a mera erudição não conduz à poesia, embora sem ela não possa fazer-se sua história. É preciso acima de tudo ter o domínio e o conhecimento da palavra, saber usá-la no lugar certo como quem põe uma nota na escala musical. A poesia reduz a realidade de sua essência, e sua substância é a plenitude da linguagem. Juarez Leitão é este poeta conhecedor dos segredos da criação. Tem o domínio da palavra que lhe faculta em excelente desempenho lingüístico; através de metáforas riquíssimas resgata a vida do menino do sertão nascido na Barro Vermelho, acostumado a ouvir estórias nos alpendres da fazenda, como as estórias inesquecíveis do preto Zé de Barros; o banho escondido no riacho Três Irmãos; as brincadeiras criativas com o gado de osso e a marca da existência no entalhe fervoroso do nome na goiabeira do quintal.

Nas mãos de um leigo isso não representa muito, porém, nas mãos de um poeta como Juarez Leitão, as vozes do vento e da noite e o “susto dos relâmpagos” lhe servem de farto humus poéticos aos profundos mistérios da vida.

Desde jovem Juarez leitão se destacava como aluno de expressão fácil, de emoções emergindo pelos poros, de memória privilegiada e acima de tudo interessado pela leitura de grandes obras. Se nasceu com talento poético, este foi através destas leituras, lapidado no dia a dia, nos encontros literários, nas conversas com os mais experientes, porque não há poeta feito, o que há é a poesia se fazendo, como um simples olhar, na contemplação de uma estrela vadiando no céu, na saudade da infância adormecida na lembrança, ou em apenas uma pedra no meio do caminho. É quando a poesia é condição imprescindível da imagem do mundo, da posse mental deste, e sua ausência conduz, por muitos conhecimentos particulares ou técnicos que se acumulam, a uma forma de primitivismo.

Precisamos, senhores acadêmicos, com voz firme, mostrar às autoridades deste país a importância dos cursos técnicos, que tendem hoje a ocupar o primeiro plano, mas acentuar, sobretudo, que o sentimento imediato do mundo não é o mundo físico, mas o mundo social, e isto significa um sistema de interpretações históricas, expressas sobretudo na língua, que é a primeira interpretação da realidade, à qual todas as demais se acrescentam.

Senhoras e senhores, não vos digo que Juarez Leitão é o melhor poeta de sua geração, mal teria sentido dizê-lo; porque a leitura não tem escalões embora certamente tenha hierarquias. Juarez Leitão é outra coisa: é o poeta irrenunciável. Mas, senhores acadêmicos, poderia ainda dizer mais: Juarez Leitão é o poeta cearense mais importante de sua geração; isto não quer dizer que ele é o melhor e que o pomos em primeiro lugar: o importante significa que importa; e Juarez Leitão é o poeta que mais importa aos cearenses.

Com seus três livros: *Urubu rosado*(1981); *Tangenciais*(1987) e *Ignis - o inventário da paixão*(1993), nos deu um nova maneira de olhar a realidade, de sorte que nos deixa para sempre enriquecidos que aumentou para nós o mundo, o máximo a que pode aspirar um criador, um escritor, se o é verdadeiramente e a partir de sua raiz. A condição geral destes livros é sua autenticidade; a

necessidade íntima, irremediável com que escreveu, porque para isso havia nascido, porque só se sente ser de verdade escrevendo, porque necessitava, para viver, para ser cearense. Olhando a realidade com dor e sem desinteresse, com entusiasmo e rigor, conhecendo-a palmo a palmo e livro a livro, sem que ninguém lhe pudesse tirar “o dolorido sentir”, Juarez Leitão é o poeta de sua geração; foi o que nos deu, a partir desse nível, a interpretação poética das coisas, sobretudo das coisas da realidade, da paisagem, das cidades decrépitas, dos campos, dos álamos do rio, tudo se personaliza, converte-se para ele em algo humanizado, inteligível, sonhado.

A poesia de Juarez não é propriamente “amorosa”, é algo mais profundo e menos freqüente: *poesia enamorada*. O amor não é o “tema” da poesia, é seu solo, sua raiz, sua têmpera; do amor à mulher, nele instalado, olha as coisas, elas o comovem, lhe doem, são contadas. É o príncipe de sua organização, a dimensão na qual se encontra a si mesmo e pode falar de si mesmo: vejamos apenas estes versos de “Canção Encarnada” “Moça, me recomponho assistindo a tua graça | Tenho medo de ti, cabrita das montanhas, | que de longe desvendas os meus truques e manhas.”

Se dissemos que o poeta primeiramente se encontra para falar de si mesmo, dizemos agora que ele se escolhera e que se sente escolhido, conduzido à sua plenitude, descoberto em sua vontade. É seu destino que aceitar livremente é a vocação. Foi isto que escolheu Juarez - ser-lhe fiel, poeta. Desta forma seus versos nos chegam ao mais profundo sentimento; quando os lemos sentimos que se trata de nós, porque se tratava dele até o mais profundo de sua raiz.

É esta a poesia de Juarez Leitão, desde sua estréia, *com Urubu Rosado*(1981), *Tangenciais*(1987), seu segundo livro, o poeta apreende a realidade em sua conexão, mas a maneira de enunciá-las dependerá do tipo de relações de coerência. Todo escritor, pelo fato de viver em um estilo, leva a cabo uma seleção da realidade e de sua maneira de apreendê-la; seu estilo já é

doutrina, isto é, interpretação da realidade. Esta é abrangente, está nas questões existenciais do homem, se transporta para o questionamento da condição da política do país, como mostra o poema "Araguaia": "Há uma poça de sangue na floresta | um corpo massacrado | uma canção de gesta | inacabada | e a bota bárbara de Hugo. | Há quase um menino assassinado | uma letra de Vandrê | pisoteada | um sonho apunhalado | e a rudeza torpe do verdugo". Senhores, qual leitor destes versos não sente o arrepio de tão sombria fase de nossa História? Quem não entende a revolta do poeta? Quem também não sentiu a sutileza de sua dicção sem ferir o ritmo de seus versos e a dignidade da arte?

Outro poema e outro tema nos chamou a atenção, "Infância", que significa a descoberta plena da temporalidade. O poeta sente a emoção, a angustia da vida enquanto dura; o passar do tempo que não volta, mas que de alguma maneira perdura! Consistência e fugacidade, o que poderíamos chamar a espessura móvel da vida humana. No poema as coisas não se apresentam como um "aglomerado", nunca se tem a impressão de que elas "não podem transitar"; Sucedem-se umas as outras, vão aflorando, fazendo-se superfície, manifestação. Daí surgir a relação singular do poeta com o tempo. As Coisas vão durando, permanecem, sua "espessura" é comutativa e temporal. A sucessão é o correlato da série dos anunciados, dos dizeres. Deste modo, o poema "Infância" é a expressão dessa modalidade limitada, fórmula de seu estilo: dizer as coisas umas depois das outras e não uma dentro das outras. Assim as lembranças da infância transcendem no tempo, encontram a dimensão da palavra poética engenhosamente construída. Vejamos a última estrofe:

A cidade me trouxe. E o menino
ficou por lá vagando na paisagem
Cresceram-me as pernas e as saudades
medo e a ambição nesta viagem.
Mas o outro, o moleque de seis anos
come manga e pitombas com voragem:
Será menino sempre, eternamente,
nunca mais quer crescer, não tem coragem.

O terceiro livro de poesia, *Ignis, o inventário da paixão*, (1993), reafirma de modo significativo o elemento de circunstância que inclui quase sempre no poema. Entre tantos aspectos um se impõe e conduz ao puro lirismo, consegue-se com isto uma proximidade, uma captação do imediato que introduz uma perspectiva nova na poesia amorosa cearense, e por que não dizer brasileira.

Em outras palavras, o amor do poeta é sempre pessoal; por isso, é sempre sensível, e a corporeidade da amada, sua beleza, sua realidade carnal, perturbada e perturbadora, aparece sempre à distância de toda paixão abstrata e espiritual. Mas tudo isso sem limitar-se ao erotismo. O poema move-se no âmbito do amor em seu sentimento mais estrito. E dá um passo além: poetas de sua geração deixaram para uma “subpoesia” licenciosa e francamente obscena a presença do corpo. Juarez Leitão integra ambos os aspectos ao entender a mulher amada como pessoa carnal, como “alguém corporal” ou se prefere, pessoa sensível. Juarez descobre esse escorço em que lhe aparece a mulher, e portanto o amor, e isto quer dizer a realidade humana. Vejamos estes versos do poema “Em tuas Terras”:

Pássaro
toco a nuvem dos seios
e arrulho no pescoço cálido

Ah, o veludo do ventre,
dourado matapasto,
onde
como um besouro vagaroso
me arrasto a esmo
tentando achar destino.

Quero vinho e canção
trigo e cadeiras
quero estas mornas
areias de tuas coxas em aflição.

Senhores e senhoras, esta é a poesia deste poeta que vos apresento e saúdo. Quando o lemos revivemos com ele a desesperança, a melancolia, a lembrança, a presença dessas terras, os rios, os álamos do amor, o agudo espinho dourado de uma paixão, os caminhos poeirentos; e como o seu o nosso coração se sacia de esperança.

Eminente confrade, por tudo isso, nesta noite solene e bela em que recebeis aqui vossos amigos, por ocasião de vossa posse como membro titular da cadeira n.º 19 desta Academia de Letras, eu vos digo que aqui estais mercê de irrecusáveis méritos. Ingressai, pois serenamente, nesta venerável casa. Ditosa, abre ela, de par em par, suas portas amplas para vos receber a fim de que, à sua sombra fagueira, vosso coração pulse no mesmo ritmo do nosso. Nós que, sem vacilar, vos elegemos companheiro, pressurosos, vos acolhemos, neste encontro feliz. E o fazemos de braços abertos, para o amplexo amigo, fraternal e duradouro; sede bem-vindo.